

COMMERCIO DO MINHO

4.º ANNO 1876

FOLHA COMMERCIAL RELIGIOSA E NOTICIOSA

NUMERO 560

Assigna-se e vende-se no escriptorio do EDITOR E PROPRIETARIO José Maria Dias da Costa, rua Nova n.º 3 E, para onde deve ser dirigida toda a correspondencia franca de porte.—As assignaturas são pagas adiantadas; assim como as correspondencias de interesse particular. Folha avulso 10 rs.

PUBLICA-SE

AS TERÇAS, QUINTAS E SABBADOS.

PREÇOS: Braga, anno 1\$600 rs.—Semestre 850 rs.—Provincias, anno 2\$000 rs e sendo duas 3\$600 rs.—Semestre 1\$050 rs.—Brazil, anno 3\$600 rs.—Semestre 1\$900 rs. moeda forte, ou 8\$000 reis e 4\$500 reis moeda fraca.—Anuncios por linha 20 rs., repetição 10 rs. Para os assignantes 20 % d'abatimento.

BRAGA—QUINTA-FEIRA 26 DE OUTUBRO

Londres, 9 de Setembro, 1876.

[A' redacção do «Apostolo».]

[Conclusão]

Entenda-se e interprete-se á luz destas idéias e factos, a seguinte linguagem do órgão Anglicano por excellencia, no artigo sobre que estou commentando, porque elle contem a verdadeira chave da politica Ingleza—ou Anglicana, que é a mesma cousa, só com outro nome.

«A Italia, «diz elle» desejaria naturalmente procurar a eleição de um Cardeal que cessasse de falar contra a independencia della, e de pôr o clero em opposição ao Poder Civil. A Austria tem difficuldades ecclesiásticas que um Pontífice Liberal ajudaria a sobrepujar. A França não se descartou ainda, mesmo nestes dias republicanos, de appetecer influencia ecclesiástica. A Alemanha daria muito por um Pontífice que acabasse com a incómoda e irritante contenda entre o seu Governo e o seu clero Cathólico».

Até aqui o que o Times diz é sincero bastante, mas no que agora segue não concordo tão facilmente quando diz:—«O Sacro Collegio não tem muito a temer da influencia da França, d'Allemanha ou d'Austria».

Parece-me isto em contradicção com o que vimos, ha bastante tempo já, quando Bismark tentou formar combinação diplomatica com os Governos dessas nações, para impedir ou precaver que n'uma nova eleição de Pontífice os Cardeaes escolhessem Successor a Pio IX que fôsse de tempera semelhante a delle. Na minha opinião, o Times deseja, por dizel-o assim, adormecer os Cathólicos verdadeiros, em uma confiança fallaz; ao mesmo tempo

que não pode desconhecer como cousa infallivel, que Bismark, e a maçonaria, de quem elle é hoje o instrumento e capitão favorito contra a Igreja Cathólica, não deixará pedra a seu alcance por mover, para que, se poder, obtenha a eleição de um Papa macio, que ajude o liberalismo Allemao, e a Maçonaria universal, de mãos dadas com o Protestantismo Anglicano, a destruir e abater (se fôsse possível—como elles creem, e nós não) a verdadeira Igreja de Deus, a Catholica, Apostolica, Romana.

Veja-se no que agora segue, a hypocrisia clara e a má fé, com que a folha do Protestantismo, e do Maçonismo affirmam ou insinuam precisamente o contrario do que sem duvida pensa:—«O Governo que elle (o Sacro Collegio) deve realmente temer, se é que algum teme, é o da Italia, que tem a ganhar a mais ou perder» (pelo resultado da eleição). Até aqui é verdade, masahi vem logo a mentira embulhada em asserções que o Times sabe serem falsas, em tudo o que não é relativo ao poder espiritual e autoridade, que o Governo Usurpador não podia destruir ou annullar; continúa elle:—

«Mas é difficil perceber que razão verdadeira exista para receiar» (ou assustarem-se os Cathólicos). «A Italia não tentou invadir o dominio espiritual do Papa ou de seus conselheiros. Permite-lhe conservar toda a ostentação e maquinismo mesmo de um Governo Temporal. Recebe o Papa Embaixadores, e manda Nuncios tão livremente como o fazia quando era Principe temporal assim como espiritual. Consente-se-lhe que amaldiçõe o Reino de Italia e todas suas obras com pasmosa liberdade de expressão. Com effeito o lúxo do anathema nunca se gosou em maior abundancia O Papa e os Cardeaes podem passear em Roma tão livremente como sempre o fizeram, & &» E então acrescenta:—

nos altares, e o profundo silencio que n'elles reina; no meio dos poucos a quem um verdadeiro sentimento religioso affastada da terra e aproxima ao Céu, elles profanam o sanctuario requestando as mulheres, e zombando dos misterios.

E as mulheres, as mulheres em quem a religião, além de um dever, é ainda, mais que em todos, uma necessidade e um encanto, tem entre si muitas que olham a noite sagrada como o ensejo feliz de ostentar suas graças e suas galas; e lá mesmo, no seio dos templos, suas orações não chegam nunca ao Céu, porque as desconheciam as murmurações que d'envolta com ellas cahem na terra.

E o dia de finados, o dia de lucto que os homens tem tornado de festa; o dia do pó, a recordação do nada que somos, é em nosso tempo a demonstração viva e solemne do muito que pretendemos ser.

Uma palavra diz tudo: no dia da commemoração dos defunctos, a vaidade dos vivos levanta seu throno sobre o tumulo dos mortos.

E portanto ainda n'esses dois solemnes dias nós demonstramos crime e fraqueza. Em quinta-feira de Endoenças nós somos sacrilegos.

Em dois de novembro de todos os annos nós somos, pelo menos, vaidosos.

Havia chegado o dia dois de novembro de 1846.

Tinha-se, pouco mais ou menos, passado mez e meio depois d'aquella manhã em que Candido, da fresta de sua janel-la, observára em extasi a Bella Orfã passeando no seu jardim.

Desde o romper d'aurora que os bronzes de todas as igrejas da capital do Bra-

«É muito provavel que o Governo Italiano estimaria muito pôr termo ou impedir as extravagancias do Vaticano, se o podesse fazer a salvo, porque todos os Governos gostam de exercer tanta quanta autoridade podem. Mas a opinião pública da Europa dá melhor protecção ao Papado ainda do que suas proprias pertensões sagradas. Paizes Protestantes assim como Cathólicos haviam de resentir qualquer tentativa d'encurtar-lhe a liberdade legitima e sobre tudo de impedir ao Sacro Collegio o escolher o Cardeal que julgasse mais proprio para exercer os poderes do Papado. A Italia não estava em circumstancias de provocar as censuras de outros Estados com a tentativa de sujeitar o Conclave Papal a qualquer indevida influencia; e difficil é de ver como ella o poderia fazer, ainda que o tentasse. Os Cardeaes não se têm encontrado particularmente accessíveis ás seducções do Quirinal, e os Ministros de Victor Manoel não podiam empregar outra sorte de pressão.

«Podiam offerecer ao Papado melhores termos se um certo Cardeal particularmente designado fôsse eleito, ou podiam ameaçar o Vaticano se a escolha recahesse n'um inimigo tão acre da Italia como o presente Papa».

Note-se a malicia com que o Times usa a expressão «inimigo da Italia», como se a inimidade do Pontífice fôsse ao paiz, ao povo Italiano; quando ella, como a de todo homem de bem (que não é Protestante, porque estes odeam o Papa como seu principal antagonista), não é contra o povo de Italia, mas contra os inimigos cosmopolitas do Catholicismo e do direito—a Maçonaria, em uma palavra, e seus alliados ou dupes. Continúa o Times:—

«Mas os Ministros de Victor Manoel não passariam de palavras. Seria absurdo suppor que pensassem jamais em collocar o Sacro Collegio sob restricção physica,

zil gemiam com seu dobre lugubre, longo e monotono.

Multidão immensa de homens e mulheres todos vestidos de dô, sabiam ou entravam em turbas pelas portas dos templos como ondas negras.

Apesar de sua vaidosa ostentação, de sua inoportuna riqueza, os jazigos offereciam um aspecto sublime e melancolico: era o aspecto da morte.

O jazigo de S. Francisco de Paula estava semeado de tumulos, e repleto de povo.

Os curiosos que o visitavam, cediam á força do imperio da morte; obumbravam-se.

Os orfãos e as viúvas, os paes que haviam perdido seus filhos, choravam e rezavam.

A despeito das galas e do luxo de alguns immensos mausoléos, o pó, o nada humano parecia transudar por entre as molduras douradas, e uma caveira se mostrava triumphante de sobre as columnas do ébano.

Nos tumulos humides, sem pompa de luxo, cobertos de róxos amaranthos, e tristissimas perpetuas, como que o genio da saudade estava ali sentado para intermediar entre a dôr do vivo, e a alma do morto. O tumulo sem pompa, era a expressão da saudade do vivo.

Porque, preciso é dizel-o, a verdadeira dôr é simples e singela; e a saudade que se não simula, a saudade que sae do coração, não tem necessidade de adornar-se: assimillam-se n'isso as mulheres, que quanto mais feias mais se enfeitam; para disfarçar seus senões, e quanto mais bellas mais simplesmente se vestem para ostentar seus naturaes encantos: assim a dôr e a saudade que se fingem, preci-

porque um semelhante tratamento lhe daria um ar valioso de martyrio».—Isto em bom Portuguez traduz-se pela proverbial expressão, «o medo guarda a vinha». A canalha usurpadora Italiana sabe muito bem, que na Italia mesmo ha muita gente boa que estimaria ver mergulhada por algumas horas nas agoas do louro Tibre

Toda aquella infernal Buzzurraria, Que como peste horrivel e asquerosa, Por cobarde traição, quanto aleivosa, Roma invadiu por junto á Porta Pia.

Continúa este notavel artigo, tão cheio de revelações das idéias, desejos, e dissimulações maçonicas e Protestantes:—

«Talvez os Cardeaes procuram illudir uma especie de pressão mui diferente da de Governos seculares. A principal questão que têm a decidir é, se o próximo Papa hade ir ou não algum tanto com a corrente do Liberalismo, ou se fará resistencia intransigivel ao que vagamente se chama o espirito do século. Se elles desejam empiastar uma paz ou mesmo uma trégoa, com a Italia, e se procuram aplanar o caminho para um ajuste com a Allemanha, escolherám uma especie de Cardeal; se continuam a querer tudo ou nada, tanto da Allemanha como da Italia, e a desfraldar o Syllabus á cara da sociedade moderna, escolherám outra especie de homem.»

Como este artigo do Times é tão longo (por isso mesmo que não só o assumpto é de transcendente importancia, mas porque tem por objecto excitar o Liberalismo a precaver-se), vou tratar de resumir o resto quanto passa, sem omittir o que é de mais significancia. Diz ainda:—

Que as duas alternativas mencionadas poderiam excitar grandes divergencias, discussões, protestos até de ecclesiásticos, que agora se calam, em razão do respeito

sam de ornar-se muito, e as que são verdadeiras, apresentam-se nuas... e sua nudez é immensamente sublime.

A melhor expressão de uma dôr é o pranto: o mais rico ornamento dos tumulos é a caveira.

Os vestidos devem condizer com o corpo que se veste: não ha, não pôde haver relação entre molduras, franjas douradas e um esqueleto.

Essa riqueza parece uma zombaria que a vida faz á morte: essa riqueza destroe completamente a ideia tremenda que em tal dia deve occupar o espirito dos vivos.

Porque á porta do jazigo o homem lê as terriveis palavras de morte «Lembra-te homem que és pó, e que em pó te has de tornar.» E dentro do jazigo elle encontra ouro... ostentação... luxo...

Para que pois uma tão grande mentira em dia de tão grande verdade? não sabeis?...

E' porque o filho do rico tremeu quando viu que os ossos de seu pae não se podiam distinguir dos ossos do mendigo; e com as galas da vida quiz esconder a igualdade do pó

Embora... Ou no mausoleo, ou na simples urna funerea, estava sempre o triumpho da morte: mesquinha differença havia; um guardava o esqueleto do rico, a outra os ossos do pobre; mas de mistura um e outros, quem acertaria com a caveira do primeiro?...

Havia ali mesmo n'essa area tremenda, ouro, ostentação no exterior; pó e mais nada internamente: por cima estava ainda a vida... a mentira; por baixo triunfava a morte... a verdade.

(Continúa)

9 FOLHETIM

DR. J. M. DE MACEDO.

OS DOIS AMORES

ROMANCE BRAZILEIRO

VOLUME I

[Continuação]

IV

Dia de finados.

Ha no mundo dois dias que são verdadeiramente pomposos na cidade do Rio de Janeiro: o de quinta-feira de Endoenças, e o da commemoração dos defunctos.

No primeiro d'elles adora-se o lenho sagrado, imagem d'Aquelle em que no Golgotha foi crucificado o Filho da Rainha das Virgens.

O segundo pertence á religião dos tumulos.

Pois com serem tão grandiosos e sublimes, tão cheios de intima dôr e de tremenda verdade, os pensamentos que presidem esses dois dias, ainda assim ha n'elles sacrilegio e vaidade.

Ha o sacrilegio dos homens, e a vaidade das mulheres e de quasi todos.

Uma multidão de mancebos corre um por um todos os templos na quinta-feira santa, e sem que os intimide nem contriste o aspecto solemne das igrejas, o effeito d'essas mil luzes que se queimam

ao Pontífice actual; e levantar discussões também da parte de «Cathólicos liberaes» (Cathólicos indifferentes ou apenas Cathólicos devia dizer, ou *Cathólicos nominaes*.) Que estes haviam de fazer barulho e ruído, se lhes dessem tempo e occasião, para que se lhes elegasse um Papa a seu gosto. Que para obviar a isto, os Cardiaes ham de querer decidir depressa a eleição, «assim de que os Cathólicos Liberaes não tenham tempo de fazer commoção desagradavel» (lá no Brazil não hade ser difficil explicar o que significa a expressão *Cathólicos Liberaes*.) Acrescenta porem o *Times*:—

«Está longe, todavia, de ser certo, que mesmo a eleição de um Papa Liberal tivesse sobre a Igreja de Roma effeito tão liberalizador como geralmente se suppõe. Pio IX foi Liberal ao principio e viveu para vir a ser coisa mui differente d'isso.»

Consola porem o jornal, até certo ponto, os Liberaes com dizer-lhes, que tudo o referido não obstante, o Papa, quer que seja, ha de vir a se reconciliar com o Governo Italiano (isto é, usurpador), e que a eleição de um Pontífice «Ultramontano», só teria o effeito de demorar mais a reconciliação do Vaticano com o Quirinal.

A seguinte passagem do *Times*, que vou traduzir fielmente, é notavel pela confissão que faz do concerto, da prudencia, das cautelas, da unidade, a que se attende na Igreja Catholica. Diz:—

«Nominalmente um Papa é o mais absoluto dos governantes; mas praticamente a sua Soberania é limitada, não só por uma série immensa de regras e tradições, mas pelo maquinismo espirital do Vaticano, e pelos ecclesiasticos que lhe imprimem o movimento. Decisões importantes do Papa não se dam até se ter bem tomado o pulso ao estado, Catholico Romano, por meio de seus dignitarios, e até que a questão em disputa haja sido considerada por congregações de instruidos theologos ou ecclesiasticos praticos. O Papa de ordinario não é mais que a boca, o orgão vocal de uma Junta Selecta, destinada a impedir que a sua Infallibilidade se engane. Elle podia, sem duvida, em theoria, livrar-se dessas péas, mas, de facto, raras vezes ou nunca o faz! A grande maioria dos Papas tem sido tão puramente creaturas do seu tempo como se tivessem sido outros tantos Soberanos seculares. Ora, hontem a direcção principal do pensamento e sentimento na Igreja Catholica Romana é inquestionavelmente Ultramontana. Mesmo a França, que já foi tão Gallicana, é Ultramontana hoje como outros paizes. O Bispo Dupanloup, que parecia ser o ultimo dos Gallicanos, advoga pelas pretensões extremas do Vaticano. O Ultramontanismo não é mais que uma percepção do facto, que o *Catholicismo não pode transformar-se sem cessar d'existir*, e ainda o mais Liberal dos Papas podia fazer pouco para temperar a violencia dessa convicção.»

Achei tão importante e tão digno de attenção a mais seria o artigo que acabo de extractar, e de copiar fielmente o mais essencial delle, que determinei fazer do mesmo o principal objecto d'esta carta; tanto mais, que na verdade o que alem d'isto ha de cousas aqui de interesse politico Europeo, se limita ao que toca á questão do Oriente. Mas desta nada se pode annunciar de decisivo. Parece certo, que os Turcos têm levado a melhor na guerra, tanto em relação aos Servios como aos Montenegrinos.

Não deixa de indicar ainda bastante vida e energia na Porta, o ter ganhado essas vantagens, ao mesmo tempo que passou por duas mudanças absolutas de Soberanos, dentro de tão curto espaço. Qualquer folha Europea dará conta dos principaes factos; mas quanto a este paiz, á Inglaterra ha circumstancias mais principalmente notaveis, e que fazem honra a *John Bull*, ao povo á sua maioria verdadeira; pois, nesta occasião, a opinião publica, do povo, da multidão, é que verdadeiramente determina ou modifica a acção do Governo; e vai assim ter influencia consideravel na solução que se dá á questão do Oriente.

As correspondencias mui copiosas e diarias dos agentes e representantes especiaes das folhas principaes d'aqui, referem detalhadamente os successos da contenda, e sobre tudo as atrocidades e violencias, ao que parece, commettidas de um e outro lado dos belligerentes, mas inquestionavelmente mais da parte dos Turcos; e isto especialmente pela imprudencia, de terem feito vir da Asia (da

Circassia e vizinhanças), bandos irregulares, que poderemos chamar guerrilhas, de Bashibazouks, e mandal-os contra os insurgentes. Parece que as barbaridades e atrocidades por elles commettidas em centos, em milhares de gente desarmada e não militar ou combatente, sam verdadeiramente horribes e monstruosas.

O povo aqui e os jornaes tomáram isso tanto a peito, que em poucos dias baixou rapidamente a sympathia maior que havia pelos Turcos. Nas caricaturas hontem e hoje mesmo apparecidas, e avidamente contempladas, compradas, commettidas até por toda agente baixa mesmo nas ruas, se vê o effeito de taes noticias. No celebre *Punch*, por exemplo, apparece a allusão seguinte muito expressiva nas physionomias e em tudo:—A figura de Britania armada, como vemos as estátuas de Menerva ou Bellona, é olhada com cara mui severa e fria para um Turco que lhe estende os braços e lhe diz em ar o mais supplicante:—«Ainda será minha minha amiga, ainda me favorecerá?»;—«Sua amiga, com as mãos dessa cor!»;—Responde Britania; exprimindo, que o Turco traz as mãos ensanguentadas pelas violencias e torturas no povo inerme. A sensação e sentimento no publico é tal, que hade tornar mais difficil ao Governo favorecer o Turco tanto quanto o interesse Inglez o quer.

Por outra parte a indisposição contra a Russia cresce muito, accusando-a toda a gente de ser ella que instigara a Servia e o Montenegro a mover esta guerra contra a Turquia. A não ser que a Russia queira arriscar uma guerra, que se tornaria Europea, creio que veremos em breve a contenda no Oriente arranjada por algum concerto e conferencia entre as Grandes Potencias. Não é isso porem ainda certo; dependerá principalmente da actitude que a Russia tome; mas não creio arrisque a guerra.

A. R. SARAIVA.

Coimbra, 21 d'outubro.

(Do nosso correspondente.)

Estamos em maré cheia de incendios. Quasi todos os dias ou noutes o sinistro som do bronze nos representa á imaginação apavorada um edificio em chamma, uma casa que se desmorona, uma fortuna que se aniquilla, uma familia desgraçada. O mais notavel d'estes foi na praça do Commercio, n'um estabelecimento de quinilharias, e armazens de petroleo e linhos. Perdeu-se tudo; esta casa estava segura em 12 contos. O fogo communicou-se a tres habitações. N'uma d'estas morava o sr. Pinto, cirurgião, que a custo se salvou, quasi nu. Perdeu tudo, tudo. Não tinha nada seguro.

—Tivemos hontem no 4.º anno de Direito, o dr. José Dias Ferreira. A aula encheu-se d'estudantes para ouvir o cavaco do illustre cathedratico, mas mordeiram o illustre, quando o ex-ministro começou a explicar. Mas nada perderam, porque s. ex.ª fez-nos uma preleção, como ha muito não tivemos. Fallou toda a hora sobre capital, sobre o codigo do processo civil, e sobre a direcção, que tencionava dar ao estudo n'este anno lectivo. Foi ouvido sempre com a maxima attenção não só pelos estudantes do curso, mas por muitos dos outros annos e faculdades, que enchiam o salão.

No domingo houve solemne festividade na igreja da Misericordia com a assistencia do Prelado. Cantava a sua primeira missa um orfão d'aquella casa, que se formou em Theologia no anno findo. Prêgo o ex-vice-reitor do collegio dos Orfãos o sr. Albino Coelho, que nos dizem ter satisfeito plenamente o auditorio, fallando do fundador do collegio dos Orfãos, Caetano Correia de Seivas, e dos beneficos que estava prestando a esta cidade, por modo que fez brotar lagrimas a todos que o ouviam. Vae imprimir-se este discurso, honrosissimo para aquelle estabelecimento de caridade e para o clero, do qual é uma perfeita apologia.

—Hoje deu-se aqui um lamentavel successo. N'uma das ruas d'esta cidade, caiu, varado por um tiro, um individuo, que passava muito socegado com a mira nos seus negocios, com muitas esperanças no futuro, e pensando talvez em grandes projectos. Pois tudo isto acabou n'um momento, porque um sujeito, que dendia d'uma porta limpava uma espingarda, a disparou involuntariamente na pessoa que teve a desgraça de passar em tal occasião.

—Tem estado aqui a companhia d'Emilia Adelaide, dando hontem a ultima recita. Em todos os dias teve enchente na platea, occupada pelos estudantes; nos camarotes, para onde vão os cidadãos coimbrões, havia duas familias. Escusavam de vir aqui artistas, se não fosse a academia.

GAZETILHA

AO «Jornal do Minho».—Deveriamos replicar ao «Jornal do Minho» com aquella seriedade e impagavel pilheria que o collega insinuou ás suas avançadas no penultimo n.º

Não será assim: sómente observámos, que se o collega pretende continuar a votar graça, não teremos remedio senão fazer provisão de... infinita paciencia, ou deixal-o a combater moinhos de vento.

A nossa replica ao «Jornal do Minho» reduz-se a poucas palavras.

Estamos convencidos de que a folha dos historicos lucta com falta de assumpto, onde possa desafogadamente galear a sua erudicção, e os seus invejaveis dotes de polemista. Do contrario não desceria a puerilidades, que se não compadecem muito com a sua prosapia, por tantos titulos justificada.

Em a nossa ultima resposta ao «Jornal do Minho» descobriu o collega que formulamos um novo programma, a que chama programma n.º 3, nas seguintes palavras do nosso artigo:

«No partido regenerador, assim como em todos os partidos do actual estado de coisas, havemos de louvar o que for louvavel, e censurar o que for digno de censura.»

E todo ancho pela descoberta conclue, que «o *Commercio do Minho* vae perdendo o habito de fazer *réclames* em proveito dos regeneradores.»

Decididamente o «Jornal do Minho» está a caçoar com os seus assignhos.

O que havemos nós feito senão cingir-nos áquelle proposito, que nunca temos trahido?

Se a lente usual do «Jornal do Minho» o força a acreditar preto aquillo que é extremamente branco, porque se não desfaz d'esse instrumento illusorio?

No decurso da discussão que a folha dos historicos diz ter travado comnosco, só conseguimos apurar uma coisa:—que é mediana a seriedade com que o collega tracta os assumptos que se propõe discutir.

Entra no campo, enfia umas nas outras as accusações, fecha os ouvidos a tudo o que não seja o ecco da sua voz, e desanda a cantar victoria, muito contente com as suas *brilhaturas*.

O sistema é facil, como se vê. Não esperavamos, porém, que fosse seguido pelo «Jornal do Minho», em cujos bastidores discretemos mais de vinte summidades politico-litterarias...

O «Jornal do Minho» ameaça-nos com voltar novamente á carga, se algum dia nos afastarmos do que elle chama *novo programma*.

Estamos tranzidos de susto... Ora, colorio, collega.

Desgraça.—Sucedeu hontem de manhã, nas Garçalheiras, uma lamentavel desgraça, de que foi victima Antonio Fernandes, que exercia o officio de torneiro, na rua da Cruz de Pedra.

Estando aquelle infeliz artista a carregar um carro de troncos de lrangeira, quebrou o fueiro a que estava agarrado, do que resultou resvalar-lhe sobre o peito um grosso tronco, que momentos depois o tornou cadaver.

Premiado.—Um jornal de Lisboa publica uma lista dos expositores premiados na exposição da Philadelphia.

Nessa lista só vem d'esta cidade o nome do sr. Custodio José Rodrigues Bahia, expositor de chapéus.

A relação foi extraida d'um jornal americano.

Obito.—No dia 21 entregou a alma ao Creador a ex.ª sr.ª D. Candida Carolina Pimentel Homem Leite de Magalhães, esposa do nosso respeitavel correccionario, o ex.º sr. João Barbosa Teixeira Maciel, de Vianna do Castello.

A illustre finada recebeu todos os Sacramentos, tendo também obtido a benção apostolica que sollicitára de S. Santidade.

Damos os nossos pesames áquelle desolado cavalheiro, e para a alma da finada pedimos as orações dos leitores.

Inundações.—As chuvas abundantes que cahem ha alguns dias nas regiões do norte e do este da Europa levaram á Inglaterra inundações serias.

No condado de Gereford, as correntes de agua invadiram as planicies e arrastaram uma ponte do caminho de ferro.

Em Brecon, uma centena de casas, que estão ainda na agua até á altura de 5 pés, tem as paredes todas rachadas.

O Derwent transbordou a algumas milhas ao norte de Derby. Em Leeds, reina uma grande aciedade; em muitos condados, receia-se que estas inundações tomem maiores proporções se a chuva continuar.

Aposta.—Um cavalheiro da alta sociedade parisiense apostou ha tempo fazer-se conduzir ao posto de policia sem motivo, e além d'isso ser conservado preso depois de declarar o seu nome e qualidades.

O sujeito vestiu-se de farrapos e foi jantar fóra de portas onde o seu trage não despertou a attenção. No momento de pagar, porém, tirou da algibeira um maço de notas de banco.

O taverneiro, dono da locanda, denunciou-o immediatamente á policia que, perguntando onde tinha obtido aquella somma, recebeu esta resposta:

—Em casa do meu tabellião.

—Em casa do seu tabellião! Está a divertir-se? Venha immediatamente ao commissariado.

Interrogado ahi sobre o seu nome, respondeu:

—Sou o duque de...

—O duque de...! Continúa a divertir-se. Vá para a cadeia e responderá ao juiz competente.

O sujeito deixou-se conduzir. Tinha ganho a aposta.

Jazigo argentifero.—O «San-Bernardino Guardian» annuncia que se acaba de descobrir, perto de Ivanpah (California), um rico jazigo argentifero.

Os specimens deram á primeira experiencia 21:000 dollars por tonelada.

Herança de 120 milhões!—Escrevem de Verdun (França):

Grande commoção na nossa localidade! Trata-se de uma herança de 120 milhões! Acaba de se receber aqui uma carta de dois solicitadores de Calcutá, annunciando que os nossos sympaticos compatriotas, os srs. Carlos e Leão Bernard-Derosne, ambos tão honrosamente conhecidos em Paris no mundo das letras, seriam chamados a recolher a herança do riquissimo coronel O'Kieff, descendente dos antigos feitores de Irlanda, que morreu em 20 de fevereiro ultimo no territorio das Indias inglezas.

Isthmo de Panamá.—Mr. de Lesseps vae emprender o córte do isthmo de Panamá.

Almanak Brasileiro.—O nosso esclarecido collega do «Apostolo», do Rio de Janeiro, o sr. dr. Antonio Manoel dos Reis, offereceu-nos um exemplar do *Almanak brasileiro illustrado*, para 1877, de que é auctor aquelle valente escriptor catholico.

É um formoso volume de 416 paginas, nitidamente impresso.

Contém um desenvolvido calendario, diversos assumptos de geral interesse, e remata com uma parte litteraria, de leitura a mais sa, amena e instructiva, collaborada pelos mais notaveis escriptores d'aquelle imperio.

Este almanak vae ainda no segundo anno da sua publicação, e podemos afoitamente affirmar que é dos melhores e mais justamente considerados no seu genero. Dos assumptos mais graves até á mais somenos anedocta, não ha no *Almanak brasileiro* uma só affirmação, uma unica palavra—que não seja aquella de rigorosa orthodoxia, e esta da mais severa honestidade.

É um formoso ornamento para a estante d'um catholico.

Agradecemos ao sr. dr. A. M. dos Reis a delicadesa do seu offerecimento.

Questão do Oriente.—Fallando da questão do Oriente, diz a «Gazeta da Colonia» que o verdadeiro intuito da Russia é fazer a guerra á Turquia; e ella só poderá entrar n'essa empreza com a idéa da conquista e não para proteger os interesses dos christãos, por que sem duvida hão de ser tão bem tratados na Russia como na Turquia, escreve o «Diario de Noticias».

O «Times», acrescenta a folha allemã, pede á Allemanha que pronuncie uma palavra decisiva e declare se dá licença que a Russia tome o Danubio. Attendendo ás innumeradas provas de consideração que a

Allemanha deve á Russia é pedir muito ao chanceller do imperio da Allemanha, é talvez pedir de sobejo se querem que a Allemanha se opponha só á Russia. Parece-nos antes mais natural e conveniente que a Allemanha, procedendo em os negocios orientaes como a Austria, approvasse a proposta de armisticio da Turquia, ou, se esta proposta se mallogrou, outra proposta conciliadora e acceitavel para a Turquia.

«E' provavel que a Russia, completamente isolada por causa d'esta negociação, não se atrevesse a emprehender por sua conta e risco uma guerra tão criminosa como a que se lhe attribue.»

—Corre que o governo russo prohibiu a exportação de gado e cereaes.

—Apesar de todas as negativas, parecia que em Belgrado faziam preparativos para a cerimonia da coroação.

—A officialidade russa, na Servia, era accusada de praticar excessos em Belgrado.

—Uma folha, órgão de Tcherniaeff, disse que se o governo de S. Petersburgo se lembrasse de occupar a Bulgaria, este acto só devia ser considerado na Servia como uma conquista permanente da Russia.

O ultimo telegramma recebido falla já do *ultimatum* apresentado pela Russia á Porta. Pelo que se vê, o governo de S. Petersburgo quer adiantar-se no caminho que deseja percorrer, e não só exige o armisticio incondicional, senão tambem que o governo ottomano lhe affiance que a autonomia das provincias insurgentes será um facto. Isto já parece entrar em fase menos ambigua, embora os horisontes se apresentem mais nebulosos. Eis o telegramma:

PARIS 22.—A Russia exige de Porta um armisticio de seis semanas sem condições; a autonomia administrativa da Bulgaria, Bosnia e Herzegovina; execução das reformas sob a inspecção de commissarios nomeados pelas potencias, os quaes serão protegidos contra o fanatismo musulmano por forças de exercito estrangeiras.

«Que é a maçonaria?»—D'uma das notaveis cartas dirigidas pelo sr. padre Seabra ao «Jornal do Commercio», e que a «Nação» tem publicado, fazemos o seguinte extracto:

A maçonaria não é, simplesmente, uma associação de gatuos, é uma quadrilha de assassinos e de salteadores!

N'uma carta escripta, em tempos, pelo primeiro general portuguez, hoje, residente em Londres, leio os seguintes periodos:

«Eu sei que em declarar a V. os meus sentimentos aho de certo a colera do «Duque e a de V.; e que qualquer especie de *cadafalso* promptamente se prepara para pôr termo á pezada carreira de meus dias, segundo *nostros juramentos*, mas... sou precisado a dizer a V. o seguinte. Que nunca me foi agradável a morte de D. João VI, e expatriação de seu filho, que este ASSASSINATO jamais deixará de enristecer-me... mas como «a virtude na nossa seita é um fantasma, nunca um barbaro maçon... etc.»

O texto é tão claro, que dispensa expositores!

José Ferreira Borges, que não pode ser acioimado de legitimista, no *Correio Interceptado*, publicação feita em Londres, onde estava emigrado desde 1823, analysando o curioso boletim da doença d'el-Rei, o sr. D. João VI, dá bem a entender, que havia gravissimas presumpções de não ter sido muito natural a morte d'aquelle monarcha.

No livro intitulado *Memoires sur le Portugal*—publicado em Lisboa, no anno de 1832, por um estrangeiro, que residira entre nós e em posição tão elevada, que podera observar de perto o que se passava nas mais altas regiões politicas —a pag. 47—nota 3 á pag. 16—lê-se quanto basta para convencer o mais incredulo de que a morte do Senhor D. João VI foi obra de maçonaria.

Alguns jornaes inglezes fallaram da morte do rei, chegando a indigitar os seus auctores.

No *Manifesto dos Realistas portuguezes*, na nota a pag. 40 a 43 é confirmado quanto fica exposto com bastantes pormenores e judiciosissimas reflexões sobre o assumpto.

Foi então geralmente apontado como propinador do veneno, que deu a morte ao infeliz monarcha o cirurgião brasileiro Aguiar, condecorado pouco depois, pelo *immortal* e por elle encarregado dos negocios do Imperio na corte de Lisboa.

Os que fallam deste regicidio accres-

centam, que fora precedido da morte do cosinheiro Caetano que, tendo-se recusado a envenenar o rei, foi envenenado n'um copo de vinho e enterrado, duas horas depois de morto, por ordem do Intendente Renduffe e egualmente referem que o medico Alvaizere, tendo a indiscrição de dizer a alguém, que o rei havia sido victima da maçonaria, fora tambem envenenado para eliminarem d'ess'arte um testemunho tão competente e auctorizado!

E fallam os homens dos tres. pontinhos em liberdade, egualdade e fraternidade!

Que respondeis, Veneravel Senhor?

Fabrico do azeite.—O sr. Mello e Faro escreve o seguinte no «Jornal de Horticultura», ácerca do fabrico do azeite:

Deselanda o perfeiçoamento do fabrico do azeite, vou expôr o methodo que costumo praticar e que me tem dado magnificos resultados, vendendo sempre por bom preço e tendo sido premiado em duas exposições agricolas. Quando as azeitonas estão maduras mando apanhar á mão todas aquellas que se possam colher com facilidade, e varejar as outras que é perigoso apanhar da primeira fôrma. São postas em dous lotes: a colhida á mão em um, é a varejada n'outro; toda é bem limpa das folhas, hervas e mesmo da terra em que muitas vezes está involvida, e são postas de maneira que não fiquem collocadas em grandes pilhas ou montes, mandando proceder á factura do azeite pelas primeiras azeitonas colhidas e acabando pelas ultimas; advertindo que mando em primeiro logar fazer a moagem de azeitona varejada, porque esta, pelo facto de ser varejada, está mais pisada e fermenta com mais facilidade do que aquellas que são apanhadas á mão.

Recommendo a todos os proprietarios que não deixem fermentar a azeitona nas pilhas, e, quem poder, muito bem fará em mandar fazer a moagem quatro ou cinco dias depois da apanha da azeitona.

E' necessario que todos os utensilios empregados no fabrico do azeite sejam muito bem lavados e limpos, e melhor será mandal-os lavar com agua procedida de uma lixivia de cinzas e dedois com agua fria. A azeitona deve ser bem moída, e nunca por tempo excessivamente frio, porque a fabricação do azeite é muito mais difficil.

Nos mezes de abril ou maio, quando o azeite se torna mais liquido pela subida da temperatura atmosferica, mando passar para novo deposito todo aquelle que está completamente depurado e limpo, sem que leve a mais pequena parte de fezes, que lhe communicam mau gosto e são a causa de alterar a sua boa qualidade.

E' este o systema que tenho adoptado no fabrico do azeite, e peço a todos os agricultores que o pratiquem, pois reconhecerão os bons resultados d'este processo.

Appelo á caridade publica.—Lembramos ás almas caridosas, Joanna Teixeira, viuva, de 86 annos de idade, moradora na rua de Infias n.º 85, a qual se acha entrevada ha 14 annos, e sem meios de subsistencia.

EXPEDIENTE

Da administração

E' por mais uma vez que somos forçados, bem contra nossa vontade, a rogar-mos aos nossos assignantes que ainda se acham em grande atraso de suas assignaturas, e aos quaes, já por esta fôrma, já por cartas particulares nos temos dirigido, e muitos d'estes não se tem até hoje dignado responder-nos, que se dignem mandar pagar, sem perda de tempo os seus debitos, pois não o fazendo até ao fim do corrente anno, não só lhes será sustada a remessa do jornal, mas até serão publicados no mesmo, os nomes de todos que não tenham attendido ao nosso pedido.

Os nossos correspondentes nas seguintes localidades são:

Porto, o sr. Carlos das Neves & Sobrinhos—rua das Flores.

Vianna do Castello, o sr. Francisco José d'Araujo Junior.

Guimarães, o sr. José Antonio Teixeira de Freitas—Livreria Internacional, a S. Damaso.

Covilhã, o sr. Luiz Antonio de Carvalho.

ULTIMOS TELEGRAMMAS DA AGENCIA HAVAS

PARIS 23.—A fortaleza de Medum rendeu-se aos montenegrinos. Dervisch Pachá não tendo recebido reforços continúa a ser perseguido pelas forças montenegrinas.

Os turcos proseguem nos seus ataques contra as posições servias.

MADRID 23.—Diz a «Epoca» que na passagem de Bidassóa foi presa uma mulher que conduzia papeis relativos a uma conspiração republicana e constantes em nomeações de chefes e instrucções.

Assegura a «Correspondencia» que Serrano visitando o ministro da guerra lhe fez espontaneos protestos de adhesão ao rei e á causa da ordem e accrescentou que seria uma infamia conspirar ao tempo que o exercito está occupado em combater a todo o transe os rebeldes cubanos.

PARIS 23.—O principe Nicolau do Montenegro declarou aos consules que não existe desacordo algum com o principe da Servia nem tem nenhuma intenção de proceder a qualquer negociação separadamente.

O periodico «Nord» publica um telegramma de Vienna dizendo que o embaixador russo insistira em Constantinopla por um armisticio de seis semanas, mas que terá linguagem moderada e sem caracteres de ultimatum.

Crê-se que as potencias acceitam as propostas russas.

São esperados brevemente em Roma todos os cardeaes residentes no estrangeiro a fim de discutirem importantes propostas.

O caldeal Deschamps (belga) é esperado no dia 30 do corrente. Paul Cullem (irlandez) nos meados de novembro.

CONSTANTINOPLA 22.—Na reunião dos embaixadores o general Ignatieff fez sobresair a necessidade de acalmar a effervescencia da opinião publica na Russia obtendo-se da Turquia estas condições indispensaveis. A Russia insiste:

1.º Sobre o armisticio de 6 semanas.

2.º Autonomia da Bosnia e Herzegovina na Bulgaria.

3.º As garantias no primeiro ponto deve ser immediatamente obtido e quanto aos outros dois pertencerá a uma conferencia na qual a Turquia não será representada a determinar o alcance das palavras de autonomia e garantias.

MADRID 26.—A «Gaceta» publica uma circular prohibindo todas as manifestações publicas dos cultos dissidentes fóra de seus templos e cemiterios.

São consideradas manifestações publicas a todos os actos exteriores na via publica ou nos muros exteriores dos templos e cemiterios fazendo conhecer as ceremonias ritos, usos e costumes, procissões, cartases, bandeiras, emblemas, e annuncios e artigos nos jornaes.

ROMA 23.—O governo hispanhol ordenou ao arcebispo de Granada aos bispos de Vich e Oviedo, para se apresentarem com os peregrinos na legação hispanhola, afim de que lhes seja visado o passaporte.

Estão determinadas todas as medidas preventivas para o caso de qualquer demonstração em sentido carlista.

CONSTANTINOPLA 24.—Foi descoberta uma conspiração contra o Gran Visir, sendo presas muitas pessoas.

Um telegramma da Bulgaria diz que os turcos tomaram Krevet, vantagem importante, mas ainda não decisiva.

PARIS 24.—A agencia Havas publica um telegramma de Constantinopla de 23 do corrente, dizendo que continúa a troca das communicações entre Ignatieff e outros embaixadores apesar da reserva que desejam guardar as potencias ao menos temporariamente e deixarem só a Russia negociar com a Turquia relativamente ao armisticio de seis semanas.

A Turquia parece prestes a ceder a promessa de prolongar o armisticio outras 6 semanas no caso que a paz não seja combinada durante o primeiro periodo relativamente á conferencia.

Ignora se a Turquia ainda mesmo obtém a prolongação condicional do armisticio fazendo reservas ácerca da cacionalidade dos commissarios encarregados de velar pela execução de suas decisões, poderá acceitar antecipadamente e submeter ás resoluções de uma conferencia onde não terá voto deliberativo.

SAÚDE A TODOS sem medicina, purgantes nem despezas com o uso da deliciosa farinha de saúde,

DU BARRY de Londres.

27 annos d'invariavel successo

3 Depois das adessões de muitos medicos e de varios hospitaes, ninguem poderá duvidar da efficacia d'esta deliciosa farinha de saude que cura as indigestões (despepizas) gastrica, gastralgia, flegma, arrotos, ventos, flatos, amargôr na bocca, pituitas, nauseas, vomitos, irritação intestinal, diarreia, dizenteria, colicas, tosse, athsma, falta de respiração, oppressão, congestões, mal aos nervos, diabete, debilidade, todas as desordens no peito, na garganta, do alito, das bronchites, da bexiga, do figado, dos rins, dos intestinos, da mucosa, do cerebro e do sangue, 75.000 curas entre as quaes contam-se a de S. S. o Papa, do duque de Pluskow, da ex.^{ma} sr.^a marquesa de Brehan, do doutor Manoel Saenz de Tejada, da Universidade de Cordova, etc. etc.

Cura 72.448.

Cadiz 3 de junho de 1868

Não pôsso fazer menos de manifestar a vv. s.^{as} os bellos resultados que obtive, administrando o seu *chocolate de Revalescière* á minha senhora. Havia muitos annos que padecia intensissimas dores intestinas, e insomnias pertinazes; graças a este surprehendente especifico ficou completamente restabelecida. Ficando reconhecidos, aproveito esta occasião para demonstrar a consideração com a qual o distingue o seu attento venerador — VICENTE MOYANO.

Cura 69.718.

Ticheville (Orne) 20 de março de 1867.

Achando-me perfeitamente com o uso que fiz durante certo lapso de tempo da *Revalescière*, tenho-a administrado a varias pessoas, ás quaes produziu inestimaveis effeitos, em particular modo n'aquelles que padeciam de hydropesia. Tres d'estes curaram completamente.—A tosse produzida por uma constipação desapareceu instantaneamente e tambem produziu os mesmos resultados nas molestias da retenção de orina e das molestias de estomago, afastando de qualquer individuo a hypochondria

PADRE LANGEVIN.

Seis vezes mais nutritiva do que a carne sem esquentar, economisa cincoenta vezes o seu preço em remedios.—Preços fixos da venda por miudo em toda a peninsula:

Em caixas de folha de lata, de $\frac{1}{4}$ kilo, 500; de $\frac{1}{2}$ kilo 800 rs; de um kilo, 13400 reis; de 2 $\frac{1}{2}$ kilos, 33200 reis; de 6 kilos, 63400 reis, e de 12 kilos, 123000 reis.

Os *biscoitos da Revalescière* que se podem comer a qualquer hora, vendem-se em caixas a 800 e 13400 reis.

O melhor chocolate para a saúde é a *Revalescière chocolateada*; ella restitue o appetite, digestão, somno, energia as carnes duras ás pessoas, e ás creanças e mais fracas, e sustenta dez vezes mais que a carne, e que o chocolate ordinario, sem esquentar.

Em paus, ou em pó em caixas de folha de lata de 10 chavenas, 500 reis; de 24 chavenas, 820 reis; de 48 chavenas, 13400; de 120 chavenas, 33200 reis, ou 25 reis cada chavena.

BARRY DU BARRY & C.^a—Place Vendôme, 26, Paris; 77 Regent Street Londres; Valverde, 1, Madrid.

Os pharmaceuticos, droguistas, mercieiros, etc., das provincias devem dirigir os seus pedidos ao deposito Central; sr. Serzedello & C.^a Largo do Corpo Santo 16, Lisboa, (por grosso e miudo); Carlos Barreto, rua do Loreto, 28; Baral & Irmãos, rua Aurea, 12, Porto, J. de Sousa Ferreira & Irmão, rua da Banharia 77; de Sequeira; J. Pinto; Desiré Rahir; Coimbra, V. Botelho de Vasconcellos; Aveiro, F. E. da Luz e Costa, pharm.; Barcellos, Ramos, pharm.; Braga, Pharmacia Maia, rua dos Chãos, Pipa & Irmão, rua do Souto, Domingos J. V. Machado, praça Municipal, Figueira, Antonio Vieira, pharm.; Guimarães, A. J. Pereira Martins, pharm.; Penafiel, Miranda, pharm.; Ponte de Lima, A. J. Rodrigues Barbosa, pharm.; Povoação do Varzim, P. Machado de Oliveira, pharm.; Vianna do Castello, Afonso e Barros, droguistas; Villa de Vendé, A. L. Maia Torres, pharm.

